

ANAIIS

XIV COLÓQUIO HABERMAS V COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO

**DIREITO E DEMOCRACIA:
ENTRE FATOS E NORMAS**

Rio de Janeiro

SALUTE

2018

CLOVIS RICARDO MONTENEGRO DE LIMA (ORG.)

ANAIS
XIV COLÓQUIO HABERMAS
E
V COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA
INFORMAÇÃO

Rio de Janeiro

SALUTE

2018

SALUTE

Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-Não Comercial 3.0 Brasil da Creative Commons. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/bync/3.0/br> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Ficha catalográfica elaborada por
Márcio Finamor CRB7/6699

C719 Colóquio Habermas e V Colóquio Filosofia da Informação (14. : 2018 : Rio de Janeiro).

Anais do 14º Colóquio Habermas e 5º Colóquio de Filosofia da Informação / 14º Colóquio Habermas e 5º Colóquio de Filosofia da Informação, 18-20 setembro 2018, Rio de Janeiro, Brasil; organizado por Clóvis Ricardo Montenegro de Lima. Rio de Janeiro: Salute, 2018.

525 p.

ISBN:

1. Habermas, Jurgen. I. Lima, Clóvis Ricardo Montenegro de, Org.
II. Título.

CDD 193 (22ª Ed.)

Prefácio

Os Colóquios Habermas e de Filosofia da informação são encontros intelectuais de grande alegria. Neles encontramos amigos do pensamento crítico que compartilham o interesse e o estudo na linguagem e na informação para entender as sociedades pluralistas contemporâneas. Normalmente saímos destes Colóquios fortalecidos e amorosos, fartos de razão crítica.

Os Anais dos Colóquios reúnem os trabalhos apresentados, como uma forma generosa de proporcionar a pesquisadores, estudantes e pessoas geral o acesso integral ao que se discutiu. Os artigos inéditos apresentados são recortes dos estudos filosóficos da linguagem e da informação, que trazem contribuições valiosas para quem se interessa pelos assuntos.

O tema central dos Colóquios de 2018 foi Direito e democracia, porque nos pareceu central e urgente discutir a obra de Habermas sobre facticidade e validade. O fundamento moral das normas e a política a partir do discurso são assuntos que nos permitem entender melhor as dinâmicas sociais, assim como os conflitos éticos e políticos que nelas emergem.

Estamos vivendo tempos estranhos em que as pretensões de sinceridade, veracidade e correção das falas estão em profunda tensão. Ao mesmo tempo parece que nunca foi tão necessário discutir estas pretensões para que a validação aconteça em bases racionais, legítimas e justas. Se não resgatarmos a veracidade e a sinceridade não podemos construir acordos.

O Brasil está com o regime democrático de direitos está sob ameaça. Este fenômeno não é isolado em nosso país, mas faz parte de uma onda neoconservadora que quer destruir políticas públicas de bem-estar e abrir todas as dimensões sociais para as lógicas de acumulação do mercado. Isto não é recente, mas avança e se agudiza com o governo de Donald Trump nos EUA.

Esperamos que os textos ora publicados contribuam para a discussão dos desafios éticos e políticos que estamos enfrentando. As teorias pós metafísicas de Habermas buscam entender os fatos a partir da materialidade das falas. São estes os fundamentos críticos da maioria dos artigos, trabalhados em diferentes focos e perspectivas

Boa leitura!

Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2018

Clóvis Ricardo Montenegro de Lima

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS	7
<i>APOROFOBIA: a violência contra coletivos vulneráveis</i>	8
MARIBEL ANDRADE	8
<i>THE SELF AND INDIVIDUAL AUTONOMY IN THE FRANKFURT SCHOOL TRADITION</i>	22
KENNETH BAYNES.....	22
<i>O DIREITO ENTRE PRAGMÁTICA, ÉTICA E MORAL</i>	45
ANDRÉ BERTEN.....	45
<i>A CIBERDEMOCRACIA COMO MOVIMENTO PARA RACIONALIZAR E DESCOLONIZAR O MUNDO DA VIDA</i>	59
EDNA GUSMÃO DE GÓES BRENNAND	59
<i>A CONCEPÇÃO GENEALÓGICA HABERMASIANA DOS DIREITOS HUMANOS</i>	88
CHARLES FELDHAUS	88
<i>QUESTÕES SOBRE SUJEITO E INFORMAÇÃO: roteiro de uma construção</i>	98
LÍDIA SILVA DE FREITAS	98
<i>RAZÃO DISCURSIVA, COMPETÊNCIA COMUNICATIVA E APRENDIZAGEM: problema e reconstrução</i>	106
CLÓVIS RICARDO MONTENEGRO DE LIMA	106
JOSÉ RODOLFO TENÓRIO DE LIMA.....	106
HELEN FISCHER GÜNTHER	106
<i>CONFLITOS URBANOS E PRECEITOS DO AGIR COMUNICATIVO E DA DEMOCRACIA EM HABERMAS.</i>	125
EUGÊNIA LOUREIRO	125
<i>HIPER-FLUXO INFORMACIONAL: esgotamentos da sociedade da informação</i>	137
JACKSON DA SILVA MEDEIROS	137
<i>A JURIDICIZAÇÃO COMO TENDÊNCIA DE COLONIZAÇÃO DO MUNDO DA VIDA</i>	149
ANDERSON DE ALENCAR MENEZES.....	149
<i>HABERMAS NA ESTEIRA DO PENSAMENTO PÓS-METAFÍSICO II:</i>	163
<i>BIPOLARISMOS SIMPLIFICADOS</i>	163
JOVINO PIZZI.....	163
<i>TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS E ENFOQUE PRAGMA-DIALÉTICO DE ARGUMENTAÇÃO: Encontros e Desencontros</i>	177

FRANCISCO JAVIER URIBE RIVERA.....	177
ELIZABETH ARTMANN	177
O MUNDO DA VIDA COMO ESPAÇO DE ARGUMENTOS.....	189
FLAVIO BENO SIEBENEICHLER.....	189
NORMAS, VALORES E PROPORCIONALIDADE PARA PESSOAS, CIDADÃOS E JUÍZES.....	205
MARINA VELASCO.....	205
CANSADOS E FISGADOS PELOS NÓS DA REDE: visualidade, atenção e informação.....	218
VALÉRIA CRISTINA LOPES WILKE.....	218
COMUNICAÇÕES COORDENADAS.....	237
OS DIREITOS SOCIAIS FUNDAMENTAIS NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 E OS PRESSUPOSTOS DA DEMOCRACIA EM HABERMAS: da juridificação simbólica a sua inefetividade.....	238
FERNANDO AMARAL.....	238
ÀS COSTAS DA PÓS-MODERNIDADE: incompreensão e interesse	258
LUCAS ALVES ARAÚJO	258
RELAÇÃO ENTRE DIREITO E MORAL A PARTIR DA TEORIA DO DISCURSO E DA TENSÃO EXISTENTE ENTRE FACTICIDADE E VALIDADE.....	273
ANDRÉ GUIMARÃES BORGES BRANDÃO	273
TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA: um Direito posto de dentro para fora.	290
ANA MARGARETH MOREIRA MENDES COSENZA.....	290
CARLOS HENRIQUE SANTANA COSENZA	290
A diferença como inclusão do outro nos direitos humanos em Habermas	308
LUÍS CÉSAR ALVES MOREIRA FILHO.....	308
ENTRE REALISMO E ANTIRREALISMO: a indeterminação da verdade na pragmática formal	330
CLÍSTENES CHAVES DE FRANÇA	330
O PROCEDIMENTO COMUNICATIVO COMO POTÊNCIA DE REGASTE DA LEGITIMIDADE DEMOCRÁTICA: reflexões sobre base nacional comum curricular (bncc)	352
MARCELO FARIAS-LARANGEIRA.....	352
ANDREA PERES LIMA.....	352
A REGULAÇÃO DO MERCADO DE ANTIRRETROVIRAIS PARA PESSOAS COM AIDS: uso público da razão e política deliberativa.....	367
MARIANGELA REBELO MAIA	367
CLÓVIS RICARDO MONTENEGRO DE LIMA	367

<i>A CRISE DA RELAÇÃO DE LEGITIMIDADE ENTRE DIREITO E DEMOCRACIA: DÉFICITS DE MORALIDADE</i>	382
ANDERSON DE ALENCAR MENEZES.....	382
ANGELINA RENATA ANDRADE RIBEIRO DOS SANTOS	382
GUSTAVO DE MELO SILVA	382
<i>A RACIONALIDADE COMUNICATIVA HABERMASIANA: contribuições no processo de aceitação do imigrante e refugiado</i>	397
VIRGÍLIO ANDRADE NETO	397
DARLAN DO NASCIMENTO LOURENÇO	397
ANDERSON DE ALENCAR MENEZES.....	397
<i>AGIR COMUNICATIVO, REDES DE CONVERSAÇÃO E TRABALHO EM EQUIPE DE SAÚDE: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA.</i>	412
RENATA CRISTINA ARTHOU PEREIRA	412
FRANCISCO JAVIER URIBE RIVERA.....	412
ELIZABETH ARTMANN	412
<i>LUTA DE CLASSES COMO DESFUNCIONALIZAÇÃO SISTÊMICA</i>	429
GUILHERME PREGER	429
<i>A RELAÇÃO DE COMPLEMENTARIEDADE ENTRE DIREITO E MORAL NO DIREITO PRIVADO</i>	446
LEONARDO QUINTINO	446
<i>O SIGNIFICADO DO CONTEÚDO MORAL TRANSCENDENTE DA DIGNIDADE HUMANA EM HABERMAS</i>	462
LUCIANO ROLIM	462
<i>A MORAL DOMESTICADA PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO EM HABERMAS: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A RESTRIÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO</i>	481
FÁBIO MACHADO DA SILVA.....	481
<i>AS CONTRIBUIÇÕES DE JÜRGEN HABERMAS E CHANTAL MOUFFE COMO FERRAMENTAS CONCEITUAIS PARA PENSAR A CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA</i>	490
ALOIRMAR JOSÉ DA SILVA.....	490
EDNA GUSMÃO DE GÓES BRENNAND	490
<i>FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: A formação moral da criança e do adolescente no processo socioeducativo brasileiro sobre a perspectiva da cultura habermasiana do direito.</i>	516
ANTONIO TANCREDO PINHEIRO DA SILVA	516
VITOR GOMES DA SILVA.....	516
ANDERSON DE ALENCAR MENEZES.....	516

HIPER-FLUXO INFORMACIONAL: esgotamentos da sociedade da informação²⁵**JACKSON DA SILVA MEDEIROS**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Comunicação e Informação.

jackson.medeiros@ufrgs.br.

Resumo

A sociedade atual sofre de hiper-movimentos que acabam redefinindo suas características de comportamento, de uso e de consumo de informação. Esse excesso de tudo afeta diretamente o cotidiano provocando um estado de esgotamento, cansaço, desgaste coletivo e individual. A proposta deste trabalho é explorar as ideias presentes nas obras *Sociedade do cansaço*, de Byung-Chul Han, e *Os tempos hipermodernos*, de Gilles Lipovetsky, estabelecendo relação entre o fluxo informacional no mundo digital e a noção de “estar sempre conectado”. O estudo apresenta enfoque na sociedade hiperconectada que desencadeiam outros tantos hiperlativos sociais. A análise das obras permite estabelecer relações entre as percepções que os autores discorrem sobre o exacerbamento das construções sociais e o fluxo informacional. Percebe-se que em Han, o indivíduo estabelece uma preocupação com o conteúdo que ele necessita produzir e consumir para estar, ao mesmo tempo, bem resolvido consigo mesmo e angustiado. Lipovetsky, em contrapartida, argumenta que o indivíduo está preso dentro de uma competição entre extremos.

Palavras-chave: Consumo informacional. Fluxo informacional. Sociedade da informação. Hiperconsumo.

1 INTRODUÇÃO

Hiper é um prefixo que pode ser definido como “acima; sobre; por cima; muito” (HOUAISS, 2009). Em tempos cada vez mais digitais, “hiper” tem representado uma extensa fatia da sociedade que se combina com algum sufixo. Uma sociedade hiper-moderna, hiper-tecnológica, hiper-conectada, de hiper-informação, do hiper-espetáculo, da hiper-atenção, do hiper-consumo²⁶ etc.

Pesquisadores de diversas áreas, há não muito tempo, declararam que existiam eras tecnológicas, digitais, da informação, do espetáculo, do consumo; muitos reviram, ou foram revistos, para uma produção de hiper-sentidos, gerando a capacidade, como a professora Valéria Wilke intitula um trabalho (2017), do ser humano estar “com sono, cansado, espoliado, mas informado”.

Neste trabalho, a proposta é explorar as ideias apresentadas por Byung-Chul Han e Gilles Lipovetsky em, respectivamente, *Sociedade do cansaço* e *Os tempos hipermodernos*,

²⁵ Projeto financiado pelo CNPq. Processo 431367/2016-7.

²⁶ Autores alternam, geralmente, entre os sufixos hiper ou super.

estabelecendo perspectivas que relacionem o fluxo informacional no mundo digital e a ideia de “sempre conectado”, “sempre em rede”. Quero me deter, especificamente, em apenas um hiperlativo²⁷, mas com a certeza de que outros também são fatores fundamentais e propulsores de necessidades e ansiedades: a sociedade hiper-conectada. Esta que, em meu modo de ver, desencadeia outras tantas.

Criação de necessidades. Necessidade de produção, de desempenho, de comunicação. Necessidade que cria ansiedade. Necessidade e ansiedade alavancadas por uma sociedade que sofre cada vez mais os efeitos de tecnologias construídas para que a comunicação da informação seja constante, direta, de abastecimento contínuo. Estar “com sono, cansado, espoliado” já não justifica mais a falta de informação. Deve-se estar informado. Isso altera a sociedade, mas também o indivíduo.

2 BYUNG-CHUL HAN E A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Han (2015) admite a existência de uma violência social latente que ultrapassa o controle e a disciplina, nomeando-a *Sociedade do cansaço*. Esta se funda em violência neuronal baseada em positividade. Positividade, neste sentido, é capacidade produtiva, de desempenho, de comunicação. Constante. Incessante. Angustiante. Hiper. Sociedade baseada na desregulamentação e na liberdade que destrói barreiras e proibições. Isso cria uma hiperatividade que nada mais é do que um conjunto massificado do positivo. “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta.” (HAN, 2015, p. 21).

A modificação da estrutura política da sociedade nos últimos tempos faz com que muitas proposições teóricas, conceituais, metodológicas já realizadas tenham seu valor alterado. Por exemplo: para Han, a analítica de poder empreitada por Foucault não condiz mais com a sociedade atual, uma vez que esta é uma sociedade de desempenho. O mesmo é afirmado para Freud. Assim, as propostas de Foucault e Freud não se aplicariam à sociedade do século 21 porque se pautam na negatividade, enquanto a atual, como dito, orienta-se pela positividade.

Essa positividade se manifesta pelo “excesso de estímulos, informações e impulsos” (HAN, 2015, p. 31), os quais constroem um sujeito mais ansioso, mais angustiado a partir de si

²⁷ Permito-me fazer esse trocadilho com “superlativo”.

mesmo, em uma ideia de produção constante, de consumo constante, de estar informado, não sendo facultada a opção *off*. A constante forma digital que engole os sujeitos mantém um fluxo gigante.

Exploração de si, estando o sujeito aberto a todas as possibilidades informacionais advindas de todos os públicos possíveis. É um sujeito flexível que é capaz de buscar o consumo de tudo (HAN, 2015). O consumo constante de informações sortidas de fontes diversas. Não se sabe mais o valor do real; tudo é real, tudo é materialidade de possíveis mundos consumíveis que alteram o estado do sujeito. Que o deixa cansado.

O cansaço profundo instaura uma sociedade que larga sua identidade ao léu; ao mesmo tempo que distancia a sociedade de laços fortes, coaduna uma comunidade baseada em homens e coisas (HAN, 2015). Como nota o autor (2015, p. 71), “O cansaço da sociedade de desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando [... sendo capaz de destruir] qualquer comunidade, qualquer elemento comum, qualquer proximidade, sim, inclusive a própria linguagem. ”.

Isso permite que se criem canais de produção que vêm da angústia de si, não mais atrelados à identidade de um indivíduo, mas da tal flexibilização, da necessidade de criar condições em si mesmo para que seja possível abarcar a quantidade de informações que são ofertadas e impostas. É uma fluidez na identidade que faz com que haja impulsão da produção; o sujeito da sociedade do desempenho espera o prazer do trabalho, da angústia de escutar a si próprio, buscando sempre ser um empreendedor de si mesmo (HAN, 2015).

Como contraveneno, é necessária uma auto-imposição de negatividade, do parar, do dizer “não”, constrição do pró-ativismo que um sujeito coordena como escape. Negatividade que altera o estado desejado pela positividade, isto é, que atrasa a aceleração, faz o hiper-algo não ter a potência que quer ter. Negatividade, assim, é essencial para que não haja exposição irremediável a estímulos constantes, intrusivos. Processo de alcance de soberania sobre si mesmo, algo que permita superar a positividade, o fluxo contínuo, sem contemplação, impensado, apenas executor (HAN, 2015).

Isso também ocorre pela grande presença de aparatos digitais sempre conectados. A máquina não hesita (HAN, 2015). Sistema voraz de alimentação, contínuo, fluxo constante, nutrição de famintos seres dotados de capacidade hiper-produtiva. A exposição da informação consumível é como a de vitrines, montadas ou para mostrar algo que é usado ou algo que deve ser usado ou como algo deve ser usado. Comportamento instaurado e depois angustiada. A

relação que é de fora para dentro também é de dentro para fora, já que “no empuxo daquela positivação geral do mundo, tanto o homem quanto a sociedade se transformam numa *máquina de desempenho autista*. ”. (HAN, 2015, p. 56).

Vida instantânea, onde se perde a barreira de tempo e de espaço, onde se altera a relação do ser com o ser, ou melhor, dos seres com os seres. Essa fraqueza de relações e de identidades, possibilidades de conexões e desconexões múltiplas, facilidade em perceber objetos e se apossar deles, de construir imaginários, de socializar com o que não é efetivamente social, cria elos fracos, possibilitando um desligamento, um deslocamento que é “muito fácil retirar a libido de um objeto e com isso redirecioná-la rumo a posse de novos objetos” (HAN, 2015, p. 93). O que é exposto é mostrado para consumo, em sentimento jactante, formando “uma massa de aplausos que dá atenção ao ego exposto ao modo de uma mercadoria” (HAN, 2015, p. 93).

Já que a crítica é laboriosa, no mesmo ritmo o conflito é demorado e precisa que o sujeito seja reestabelecido para seu centro funcional. Processo cada vez mais dificultoso e angustiante, criador de (de) pressão e supressão de curiosidades. O sujeito toma para si a frustração sempre constante de uma corrida interna. Metas (informacionais, inclusive) nunca são suficientes. Ou nunca são alcançadas. Há necessidade de superação de si próprio. Concorrência consigo mesmo. Concorrência que consome a si mesmo (HAN, 2015).

Essa ode ao outro consumível é paradigmática na ideia de Han. Consumo sem o outro. Sem o outro porque o outro não está mais junto. Sem o outro pois esse outro só é consumível, não gera relação efetiva/afetiva. É um consumo da materialidade produzida pelo outro. Apenas produção de sentidos.

A inserção de tecnologias, a digitalização das vidas, as materialidades consumidas são uma estrutura de comunicação constante, fluxo contínuo, importantes para o desenvolvimento humano e formas de conhecer. Nesse ambiente, onde “as ligações e relacionamentos se rompem, também a ligação para consigo mesmo” (HAN, 2015, p. 92) deixa de existir ou, pelo menos, é fraca.

Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do ‘princípio de realidade’, que seria um princípio do outro e da resistência. Ali, o eu narcisístico encontra-se sobretudo consigo mesmo. A virtualização e a digitalização estão levando cada vez mais ao desaparecimento da realidade que nos oferece resistência. (HAN, 2015, p. 91-92).

Esse ambiente digital, materialmente instantâneo, é propício a um deslocamento da forma atenção, passando de “atenção profunda” para “hiper-atenção”, uma atenção dispersa que força o sujeito a um deslocamento contínuo entre fontes de natureza variada, construindo sistemas ainda mais hiperativos e angustiantes.

3 GILLES LIPOVETSKY E A SOCIEDADE HIPER-MODERNA

Lipovetsky se coloca sob o viés do que convencionou chamar de hiper-modernidade, ideia que apresenta como uma oscilação da confiança a partir de acontecimentos e que coloca o ser humano em condição paradoxal: satisfeito e insatisfeito; livre e preso; crítico e superficial; bondoso e amargo; capaz de tendências contraditórias (LIPOVETSKY, 2004), cuidando do corpo, da higiene, mas portador de patologias comportamentais.

O prefixo Hiper, em Lipovetsky (2004, p. 89), remete ao “consumo comercial da relação com o tempo”. Tudo vira consumo. Acesso instantâneo. Efêmero. Para todos. Não há o que não seja produto comercializável. Tudo é passível de venda.

Fator preponderante para isso é, na realidade, um hipercapitalismo que “se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico” (LIPOVETSKY, 2004, p. 55-56), capaz de constante labor para maximizar lucros buscando os fundamentos das antigas formas de regulação social de comportamentos. As questões que se relacionam aos distúrbios estão tomadas pela normatização e pelo desapego às formas de regulação social, o que “produz num só movimento a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 56).

Não é possível, por esse viés, que o ser humano seja liberto da angústia de uma modernidade exacerbada e também fragmentada que ocorre macro e micropoliticamente através de “processos hiperbólicos e subpolíticos [que] compõem a nova psicologia das democracias liberais.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 56). Os extremos ainda fazem parte consistente da formulação estruturante, mas não estão mais no comando.

Há então o estímulo à concorrência com os outros e consigo próprio. Há uma indispensabilidade do pró-ativismo, uma sensação de dever sobre a evolução constante em virtude de um futuro não previsto, sempre pronto a ser mudado; algo que impulse o ser na

relação para consigo e para com os outros: mais rentabilidade, mais inovação, mais desempenho. Isso é uma mudança de pensar, passando das inquietações com o futuro para a mística do progresso, fundamentada em economia, tecnologia, individualismo e necessidade de satisfação saudável. É uma construção do aqui e agora como centro na eficiência. (LIPOVETSKY, 2004).

Duas proposições fazem esse “ajuste” social: “a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa; a substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma ‘sociedade-moda’ completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. ” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60). Há sempre algo novo, tentador, uma moda a ser consumida, uma técnica/tecnologia a ser absorvida, uma nova meta a ser colocada. Presente da massificação que coloca os seres em metas fundamentais, em um ciclo que se auto renova: evoluir, perseguir, (ainda não) alcançar... A meta é “Consumir sem esperar” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60), onde os valores estão abaixo do excesso. Velha ideia de que o ter é maior do que o ser, mas agora a ideia é de satisfação imediata, como cultura do “tudo já”.

Lipovetsky também situa as tecnologias digitais como responsáveis pelo encolhimento do espaço-tempo, as quais suplantam a espera, a lentidão, o tédio, o aguardo, e funda, em uma sociedade neoliberal, capitalista, a circulação acelerada de desempenho, concorrência interna e externa, estímulos de dinâmicas sempre no menor tempo possível com o menor custo possível no menor espaço utilizável (LIPOVETSKY, 2004).

A angústia segue ou se intensifica: de um lado os prazeres dispostos pelo consumo, pelo bem-estar; do outro, a vida estressante, que prima pelo desempenho, em constante apreensão pela segurança, pela necessidade de ser melhor, pelas (novas) metas impostas. Construção sem fim que a capacidade tecnológica possibilita visualizar “as práticas e gostos que revelam uma época de sensualização e estetização em massa dos prazeres. ” (LIPOVETSKY, 2004, p. 81).

Se o mercado apresenta seus produtos em um estilo de massificação da moda, os interesses se constroem aproveitando a angústia internalizada. Instigada de forma constante, exacerbada, as formas se regem de maneira incessante e fazem erguer um reino de apelos à construção futura, de responsabilização, de uma ética futura (LIPOVETSKY, 2004).

Ou seja, compreender que a hiper-modernidade é um véu curto que se estende de forma a abarcar os sentimentos de consumo (amplo senso: de informação, de moda etc.), faz com que se constate a necessidade de exploração e ampliação do futuro, da capacidade de re-integrar

uma sociedade rompida pelos sentimentos de exploração do indivíduo, tornando tecnicamente possível uma perpetuação do ser e da sociedade. Rompimento entre a antiga utopia e o futuro programado, modelado, tecnológico.

Noção interessante apropriada por Lipovetsky é que “sob os auspícios da reconciliação com as normas do presente [...] que se procura a nova orientação para o futuro” (LIPOVETSKY, 2004). Isso é, a própria dinâmica do consumo não pretende um esgotamento do ser, de suas atividades e da própria sociedade, mas, sim, sua construção constante. Existe, sim, uma relação constante com o futuro: formação de futuro consumo; formação do consumo futuro.

Isso pois a “hipermodernidade indica menos o foco no instante que o declínio do presentismo em face de um futuro que se tornou incerto e precário” (LIPOVETSKY, 2004, p. 71), fazendo com que “os indivíduos renunci[em] maciçamente às satisfações imediatas, corrigindo e reorientando seus comportamentos cotidianos.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 75). Mais um paradoxo: a sociedade hipermoderna, ao tentar preencher o futuro, chega a refutar o efêmero causador de ansiedade.

O processo de individualização, crescente na sociedade hiper-moderna, é uma construção do enfraquecimento do ser, visto a alta desregulação institucional. Outro paradoxo: não participar de estruturas, ou melhor, participar de estruturas frouxas não favorecem o âmbito anímico pessoal, forjando situações de um sujeito perdido, sem norte. Angústia gerada não pelo efervescer do indivíduo, mas pelo efervescer desamparado da sociedade (LIPOVETSKY, 2004).

No universo da pressa [...] o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Fora-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 80-81).

Há, por conta disso, uma necessidade de resgate de tradições, memorial, de valorização da cultura, da tradição; uma celebração do passado que busca constantemente resgatar o que deve ser lembrado. Formas de proliferação da ideia de que manter vivo é manter é ordem.

Ordem à cultura; ordem à tradição; cultura e tradição de um povo, de uma nação, de disposições sociais (LIPOVETSKY, 2004).

No entanto há uma mudança em como isso é explorado. Ainda que haja criações constantes de espaços memoriais, é paulatinamente realizado um aproveitamento midiático e editorial que abraça o mercado com reedições de obras de cultura tradicional. Tirar proveito de monumentos, de memórias, é questão de consumo. Criação de uma “indústria do patrimônio histórico” (LIPOVETSKY, 2004).

A era hipermoderna não põe fim à necessidade de apelar para tradições de sentido sagrado; ela simplesmente as rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e das práticas. ” (LIPOVETSKY, 2004, p. 93-94).

Se “a racionalidade instrumental expande seu domínio, mas não elimina nem a crença religiosa, nem a necessidade de referir-se à autoridade de uma tradição” (LIPOVETSKY, 2004, p. 94), configurando-se em outro paradoxo buscado por Lipovetsky, ainda há uma necessidade de um salvador que busque dar segurança. Uma segurança desconfiada. Busca e refreamento constante.

4 O(S) PENSAR(ES) NA RELAÇÃO SÓCIO-INFORMACIONAL

Ao apresentar como a hiperatividade toma conta da sociedade a partir do que convencionamos chamar de positividade, Han se orienta pelo que considera como mudanças de estruturas sociais. Em um modo de viver que não mais separa *on* e *off*, escondendo as fronteiras de tempo e de espaço.

O ser humano, para Han, está afastado de amarras sociais, atuando no nível do individualismo. A preocupação social do indivíduo está fundada em um “*inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção” (HAN, 2015, p. 25) a partir da exploração de si. Criação de abertura e de flexibilidade para consumo que acaba por distorcer o valor do que é real ou não; identidades alteradas, possibilidades de conexões e desconexões.

Isso fomenta uma indústria de constante criação e consumo de informação não atrelada à identidade, mas à necessidade de consumo, à necessidade de estar angustiado pela obrigação

de informação constante. É uma ininterrupta frustração de vazio interno que precisa ser preenchido pela vasta gama de produtos informacionais disponibilizados.

Parece que, nesse sentido, Han acerta na proposta, mas peca na conceituação ao afirmar que “O sujeito do desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém. Propriamente falando, não é mais sujeito, uma vez que esse conceito se caracteriza pela submissão [...]. Ele se positiva, liberta-se para um projeto.” (HAN, 2015, p. 101). Mesmo sem intentar porfiar essa premissa, pode ser visto que o consumo que é gerado faz parte de uma biopolítica, de construção de identidades massificadas, de origens que podem ser percebidas como sistematizações sociáveis originárias em um sistema que pede a angústia do próprio sistema. Esse modo de desempenho total, como pontua Lipovetsky (2004), é uma criação de prazeres que, em realidade, assume uma limitação de estragos em uma “competição [que] faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 77).

É um paradoxo que Lipovetsky convida a explorar: eficiência e felicidade; vida de extremos; resgate de tradições e pensamento hipermoderno de uma cultura do futuro. Extrair o máximo possível. Para Han, é o esgotamento. Para Lipovetsky, esgotamento seria não ter o consumidor do futuro. O consumo quer um consumidor futuro.

A relação mais explícita desses autores está na concordância que as efemeridades são causadoras de angústia. De maneira diferenciada, ambos autores relatam uma sociedade perdida entre espaços de esperança e angústia, onde “instalou-se um novo clima social e cultural, a cada dia distanciando-se um pouco mais da tranquilidade descontraída dos anos pós-modernos.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 71). Em virtude de uma desregulamentação, Lipovetsky aponta para uma época de pouca preocupação com presente; preocupação há, sim, com o futuro. Ou seja, a preocupação do presente é com o futuro, não necessariamente com o momento vivido. É uma “obsessão com o que está por vir.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 74).

Para Lipovetsky (2004, p. 90), o passado “Regula institucionalmente o todo coletivo, e seu valor é apenas estético, emocional e lúdico.”. Talvez aqui haja um ponto a ser analisado não pela afirmação em si, mas pela expressão “apenas”. Isso porque, segundo o autor, o antigo não mais controla comportamentos. Talvez realmente não comporte, mas arregimenta.

Talvez seja possível refletir a ideia de Lipovetsky (2004, p. 94) da seguinte maneira: a constituição do sujeito hipermoderno ocorre a partir de sua desinstitucionalização, subjetividade e afetividade; não há perda de sentido de forma extrema, mesmo que o patrimônio

axiológico, seja ético, político, religioso etc. tenha sido relegado. No entanto, a relação do sujeito com isso é de coleta, de regresso às ideias culturais e tradicionais, mas, com o detalhe que isso é posto a partir do que pode ser apropriado e aproveitado individualmente.

Uma das questões que se instauram está na falta de reflexão. A reflexão demanda tempo, crítica, esforço, mas a ação requerida é o consumo. E as tecnologias são propulsoras de consumo; são máquinas, tecnologias que provocam efeitos; não há como desprezar sua incapacidade de neutralidade. O fenômeno das redes sociais na internet pode ser visto como expoente de construção de sociedades e identidades.

Han fala da falta de contemplação. Lipovetsky assume que não existe mais o tempo para contemplação, apenas tempo para consumo. Não há mais tempo para ter tempo de admiração, recolhimento, apenas para inundar a massa com informações; geralmente, para entretenimento.

As máquinas que fornecem informação são sistemas abastecidos e abastecedores. Uma retroalimentação que gera necessidades produtivas tanto daqueles que abastecem o sistema quanto daqueles que são por ele abastecidos. Uma mescla de necessidade de exposição e necessidade de consumo. Alguns diriam que isso faz parte de uma sociedade do espetáculo.

Para a máquina, importante é abastecer com o que é abastecida, fundada em sujeitos que devem estar conectados a alguma rede. Não existe opção *off*. O modo atuante é *onlife*, como menciona Floridi, onde as experiências não mais distinguem o online e o offline; hiper-conectado, hiper-digital, hiper-consumo; hiper-oferta-de-tudo.

Criação de problema ou criação de solução. A não existência dessa separação pode, inclusive, alterar as relações entre público e privado, entre o que é comum e o que é particular, o que, não deixa dúvidas, cria um sujeito que, ao mesmo tempo que tenta regressão à sua função, encontra-se perdido da sociedade hiper-moderna, de desempenho.

O desempenho é proporcionado por si, mas as disposições criadas não partem de si, mas de condições que vão além do controle, da disciplina, instaurando uma biopolítica que produz e faz produzir, inclusive prazer. A informação, seu excesso, seu fluxo contínuo, sua fluidez, faz parte de uma proposta da materialidade que cria uma necessidade e, conseqüentemente, uma ansiedade informacional.

Esse ponto é de interessante reflexão, uma vez que as comunidades não são mais uma construção física, com laços sociais fortes e estáveis. A inserção do aparato digital na vida, hoje

traduzida por carregar no bolso uma potencial ferramenta tecnológica com acesso a múltiplos serviços a uma distância irrisória da mão, são baseadas em nichos de consumo construídos.

Tudo que é consumível atrela sentidos. Aquilo que é consumível não apresenta valor por ele mesmo. Apresenta uma forma de coordenar elementos de valores plurais. Assim, faz perder a identidade. A produção atinge o consumo porque consumir é produzir; é uma produção do consumo que esgota, que angustia, que deprime. É uma ordem de consumo informacional que, claro, extrapola o trabalho e atinge o cotidiano do sujeito (LIPOVETSKY, 2004).

Ainda assim, o desempenho carregado pela hiper-modernidade é uma forma de dominação; melhor dizendo é uma relação de poder, de força que se estabelece no corpo, para o corpo, com o corpo. Ir contra a “filosofia do desempenho” necessária, pela proposta de Han, uma capacidade ativa de tédio contemplativa que permitisse romper com a ideia de máquina autista, máquina informacional 24 horas.

Como a sociedade do desempenho é uma sociedade plural de excitações e de vontades múltiplas, de mostras daquilo que é permitido, aliás, daquilo que é incentivado, um cooptação de sentidos que se proliferam e que instigam outros sentidos, os pressupostos existentes, como observa Han, deixam, muitas vezes, a desejar para uma analítica atual. Ao mesmo tempo, não são descartáveis, visto que a mudança política na estrutura societária mantém traços ainda engajados com esses entendimentos.

Ou seja, não é um novo paradigma que emerge, mas uma empreitada de resgate de propostas já realizadas. É uma retomada de princípios que sustentam as análises de uma sociedade dominada por tecnologias, mas que ainda é perpassada por dispositivos de controle, disciplina e, principalmente, biopoder, para ficarmos apenas nas noções foucaultianas.

Esses dispositivos conectam-se como conceito aos dispositivos digitais, formam uma configuração de poder que coordena vários outros; dispositivos ligados à dispositivos e suas disposições, seus fomentos, suas rugas, dobras, inflexões. Se a vida faz parte do campo de poder, a atuação das tecnologias no corpo faz com que esses sejam geridos por relações de poder que “dão o que o corpo precisa”, a partir do entendimento de que o corpo anseia, angustia por algo. Este, informação.

A biopolítica, como Foucault a concebe, em seu nascimento, é tesa para a engrenagem da sociedade atual. Se “todas as atividades humanas na Pós-modernidade decaem para o nível do trabalho” (HAN, 2015, p. 44), a biopolítica fomenta isso. A ameaça de “fazer morrer” da

disciplina é trocada pelo “deixar viver”, desde que a vida seja a produção. Viver, na sociedade hiper é ser produtivo, cravejado de prazeres induzidos pela produção. Produção que não é suficiente. Produção que impõe novas metas para gratificação e reconhecimento. As regras da biopolítica fomentam a angústia, pois precisa delas internalizadas para que as relações de poder sejam mantidas.

Obviamente que isso não responde, mas delinea caminhos para pensar os valores, a mediação que se presta ao consumo da informação, levando em conta que as micropolíticas da informação proporcionam análises de condições sociais de ansiedade coordenadas por dispositivos variados, incluindo dispositivos de informação.

REFERÊNCIAS

FLORIDI, L. (Ed.) **The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. London: Springer, 2015.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. 2009.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

WILKE, V. C. L. Como sono, cansado, espoliado mas informado: sobre alguns aspectos da vida no mundo das não coisas. In: COLÓQUIO HABERMAS & COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO, 13. & 4., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 2018. p. 399-416.